Copyright © 2007 by Alberto Manguel

Capa
Jeff Fisher

Revisão
Otacílio Nunes
Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Contos de amor do século XIX / organização Alberto Manguel.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2007.

Vários autores.
Vários tradutores.
Bibliografia
ISBN 978-85-359-1138-1

1. Contos - Século XIX. I. Manguel, Alberto.

07-8661 CDD-808.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Contos : Literatura 808.3

DEDALUS - Acervo - FFLCH

20900041122

[2007]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

Sumário

LEOPOLDO ALAS
9 Nosso Pai
Traduzido por Sergio Molina

HONORÉ DE BALZAC
26 Uma paixão no deserto
Traduzido por Maria Guimarães

GUSTAVO ADOLFO BÉCQUER
39 O beijo
Traduzido por Josely Vianna Baptista

BARBEY D'AUREVILLY
52 Léa
Traduzido por Eduardo Brandão

RONALD FIRBANK
70 Quando as viúvas amam
Traduzido por Heloisa Jahn

retalhos esse tempo todo! Eu bem que tinha reparado... Mas valeu a pena toda a dor, você não acha Liz? Valeu a pena a dor se ela manteve o Harry exatamente onde eu o queria. Me diga que não foi tudo em vão."

"Estou segura que sim... segura que sim, minha querida. Você terá sua recompensa."

"Não quero mais nada além disso, contanto que a dor tenha servido para alguma coisa."

"Serviu, serviu, Grace."

Alguém bateu na porta.

"É a enfermeira. Ela chegou mais cedo", disse a sra. Ashcroft. "Abra a porta para ela."

A jovem entrou animada, com a bolsa repleta de frascos tinindo uns contra os outros. "Boa tarde, senhora Ashcroft", saudou. "Hoje vim um pouco mais cedo do que de costume porque à noite tem o baile da Instituição. A senhora não se importa, não é mesmo?"

"De forma alguma. Já se foram meus tempos de bailes." A sra. Ashcroft imediatamente recuperou sua postura de criada discreta.

"Minha velha amiga aqui, a senhora Fettley, esteve me fazendo companhia."

"Só espero que ela não tenha fatigado a senhora demais", disse a enfermeira, num tom meio seco.

"Muito pelo contrário. Foi um prazer. Apenas... apenas agora no final me senti um pouco cansada."

"Sim, sim." A enfermeira já estava de joelhos, preparando umas gazes. "Quando velhas senhoras se encontram, tendem a conversar um pouco além do necessário. É o que percebo."

"Talvez seja assim mesmo", disse a sra. Fettley levantando-se. E por isso chegou o momento de partir."

"Dê uma olhada antes", disse a sra. Ashcroft com uma voz enfraquecida. "Eu gostaria que você desse uma olhada."

A sra. Fettley olhou e estremeceu. Depois se inclinou e beijou a sra. Ashcroft, primeiro na testa, depois sobre os olhos cinzentos e sem brilho.

"Valeu a pena, não? A dor?" Aquelas palavras escaparam num suspiro por entre aqueles lábios que ainda guardavam traços de seu desenho original.

A sra. Fettley mandou beijos e avançou para a porta.

Tradução de Alberto Barros

HEINRICH VON KLEIST

O terremoto no Chile

Tanto no sentido concreto, geográfico, como no puramente literário, o fim do mundo para os escritores alemães do século XIX era a América do Sul. Determinado a transgredir as convenções de um determinado meio social e também as da literatura, Heinrich von Kleist (1777-1811) escolheu o país mais remoto que conseguiu imaginar para situar seu conto "O terremoto no Chile". Tal como o terremoto de Lisboa inspirara Voltaire — e ofereceu um modelo a Kleist — ...

Em Santiago, a capital do Reino do Chile, no instante exato do grande abalo sísmico do ano de 1647, no qual milhares de pessoas encontraram a sua ruína, *Jerônimo Rugera*, um jovem espanhol acusado de crime, achava-se junto a uma pilastra da prisão em que havia sido encarcerado e tencionava enforcar-se. Cerca de um ano antes, *don Henrique Asteron*, um dos nobres mais ricos da cidade, tinha afastado o jovem de sua casa, onde estivera empregado como professor, porque este se encontrava num terno relacionamento com *dona Josefa*, a sua única filha. Um encontro secreto, denunciado ao velho don pelo desvelo pérfido de seu or-

gulhoso filho, enfureceu-o a tal ponto, pois antes já havia advertido expressamente a filha, que ele a colocou no convento de Nossa Senhora do Monte Carmelo, na mesma cidade.

Por um acaso feliz, Jerônimo soube novamente reatar a relação nesse lugar, e numa noite silenciosa fez do jardim do convento o palco de sua plena felicidade. Era a festa de *Corpus Christi*, e mal se pusera em movimento a procissão solene das freiras, seguidas de perto pelas noviças, quando a infeliz Josefa, ao repique dos sinos, desabou sob as dores do parto nas escadarias da catedral.

Esse incidente causou extraordinária celeuma; sem consideração ao seu estado, levaram a pecadora imediatamente a uma prisão e nem bem se recuperara do parto quando se instaurou contra ela, por ordem do arcebispo, o mais ferrenho processo. Falou-se na cidade com tamanha exasperação desse escândalo e as línguas lançaram-se de maneira tão cortante sobre o convento no qual ele ocorrera, que nem a intercessão da família Asteron e nem mesmo a vontade da própria abadessa, que se afeiçoara à jovem em virtude de seu comportamento no mais irrepreensível, puderam atenuar o rigor com que a ameaçava a lei claustral. Tudo o que se pôde alcançar, graças a uma sentença autocrática do vice-rei e para imensa indignação das matronas e donzelas de Santiago, foi comutar a pena de morte na fogueira, à qual ela fora condenada, em decapitação.

Alugaram-se janelas nas ruas pelas quais deveria passar o cortejo da execução, destelharam-se casas, e as piedosas filhas da cidade convidaram as suas amigas para presenciar, em fraternal união, o espetáculo oferecido à vingança divina.

Jerônimo, que no meio-tempo também fora colocado numa prisão, esteve a ponto de perder a consciência quando soube desse rumo monstruoso tomado pelas coisas. Em vão especulou em busca de salvação: aonde quer que o levassem as asas dos pensamentos mais intrépidos, lá topava ele com ferrolhos e muralhas; e uma tentativa de limar as grades da janela valeu-lhe, uma vez descoberta, um encarceramento ainda mais rigoroso. Jogou-se aos pés de uma imagem da santíssima Mãe de Deus e com infinito fervor orou a ela, como à única instância da qual ainda lhe poderia advir salvação.

Mas o dia temido surgiu, e com ele despontou em seu peito a convicção de que sua situação era completamente desesperançada. Soaram os sinos que deviam acompanhar Josefa ao cadafalso, e o desespero apoderou-se da alma de Jerônimo. A vida pareceu-lhe odiosa e ele resolveu buscar a morte por meio de uma corda que o acaso lhe deixara. Estava ele então, como já dito, junto a uma pilastra e fixava a um gancho de ferro incrustado na cornija da parede a corda que deveria arrebatá-lo deste mundo de lamentações, quando de repente a maior parte da cidade afundou com um estrondo, como se o firmamento estivesse vindo abaixo, soterrando sob os seus escombros tudo quanto respirava vida. Jerônimo ficou estarrecido de horror; e, como se a sua consciência tivesse sido inteiramente esmagada, agarrou-se agora, para não cair, à pilastra na qual queria suicidar-se. O chão oscilou sob os seus pés, todas as paredes da prisão racharam, a construção inteira inclinou-se desabando para o lado da rua, e tão-somente a queda da casa fronteira, vindo de encontro à prisão que ruía, impediu, por meio de uma abóbada casual, o completo desmoronamento desta. Trêmulo, com os cabelos eriçados e joelhos que pareciam fender-se sob seu peso, Jerônimo esgueirou-se pelo chão em declive na direção da abertura que o encontro das duas casas fizera na parede frontal da prisão.

Nem bem se encontrava ao ar livre quando toda a rua, já aluída, veio inteiramente abaixo a um segundo tremor de terra. Desorientado e sem saber como se salvaria daquela devastação generalizada, ele se precipitou, por sobre escombros e vigamentos, na direção de um dos mais próximos portões da cidade, enquanto a morte lhe lançava ataques de todos os lados. Aqui ainda desmoronou mais uma casa e, arremessando escombros ao redor, impeliu-o a uma rua paralela; aqui as chamas já se alçavam de todas as cumeeiras, coriscando em meio a nuvens de fumaça, e o empurraram de maneira pavorosa a uma outra rua; aqui o rio Mapocho, alçado de seu leito, veio rolando em sua direção e, rugindo, lançou-o a uma terceira rua. Aqui se amontoava uma pilha de corpos esmagados, gemia ainda uma voz sob os escombros, aqui gritavam pessoas do alto de telhados tomados pelo fogo, seres humanos e animais lutavam contra as ondas, um corajoso empenhava-se em trazer ajuda e salvamento; aqui estava um outro, pálido como a morte, e em mudez estendia mãos trêmulas para os céus. Após ter alcançado o portão e galgado uma colina mais além, Jerônimo desabou sem sentidos ao chão.

Teria jazido um quarto de hora na mais profunda inconsciência quando finalmente recobrou os sentidos e ergueu-se parcialmente do chão, com as costas voltadas para a cidade. Apalpou a fronte e o peito, sem nenhuma noção quanto ao estado em que se encontrava, e uma indescritível sensação de deleite apoderou-se dele quando um vento de oeste, soprando do mar, bafejou-lhe a vida renascente e os seus olhos se espraiaram por todas as direções da paisagem florida

de Santiago. Apenas ajuntamentos confusos de pessoas, que se avistavam por toda parte, oprimiam o seu coração; não compreendia o que podia tê-lo conduzido, assim como a tais pessoas, àquele lugar, e tão-somente ao virar-se e avistar atrás de si a cidade afundada, lembrou-se do momento pavoroso que havia vivenciado. Para agradecer a Deus a salvação miraculosa, prosternou-se tão profundamente que a sua fronte tocou o chão; em seguida, como se a impressão horrorosa que se gravara em seu espírito houvesse suprimido todas as impressões anteriores, chorou de prazer por regozijar-se ainda da suave vida, transbordante de aparições coloridas.

Quando se deu conta em seguida de um anel em sua mão, lembrou-se repentinamente de Josefa e, com ela, da prisão em que estivera encarcerado, dos sinos que lá ouvira e do instante que precedera o desabamento daquela. Profundo desalento apoderou-se novamente de seu peito; começou a arrepender-se de sua prece e terrível pareceu-lhe o Ser que reina acima das nuvens. Misturou-se entre o povo que de toda parte se precipitava dos portões, ocupado em salvar os seus pertences, e timidamente ousou perguntar pela filha de Asteron e se a sua execução havia sido consumada; mas não havia ninguém que lhe desse notícias detalhadas. Uma mulher, vergada quase até o chão ao peso descomunal de utensílios que trazia sobre a nuca e com duas crianças dependuradas ao peito, disse-lhe enquanto passava, como se ela mesma o tivesse visto, que Josefa havia sido decapitada. Jerônimo virou-se; e como ele próprio, ao calcular o tempo, não podia duvidar da consumação da pena, recolheu-se a um bosque ermo e abandonou-se de todo à sua dor. Desejava que o poder aniquilador da Natureza se abatesse novamente sobre si. Não compreendia por que se furtara à morte, almejada por sua deplorável alma, nos instantes em que esta lhe viera, redentora e espontaneamente, de todos os lados. Determinou-se firmemente a não mais vacilar, ainda que dessa vez os carvalhos fossem abatidos pela raiz e suas frondes desabassem sobre si. Em seguida, após ter chorado tudo o que pôde e, em meio às lágrimas mais ardentes, ter-lhe voltado de novo a esperança, levantou-se e vasculhou o campo em todas as direções. Encaminhou-se a todo cume de morro em que se reuniam pessoas; em todos os caminhos pelos quais se movia a torrente da fuga, foi ao encontro das pessoas; e onde quer que tremulasse ao vento uma veste feminina, para lá o levavam suas pernas trêmulas, mas nenhuma daquelas vestes cobria a amada filha de Asteron. O sol inclinava-se ao poente, e com ele declinava de novo a sua esperança, quando se acercou da beira de um rochedo e se lhe descortinou

uma vista para extenso vale, tomado apenas por umas poucas pessoas. Indeciso quanto ao que deveria fazer, percorreu os grupos isolados e estava prestes a voltar-se novamente quando, de repente, junto a uma nascente que irrigava a bocaina, avistou uma mulher ocupada em banhar uma criança em suas águas. O coração do jovem disparou a essa visão, cheio de pressentimentos desceu saltando por sobre as pedras e exclamou: ó, Mãe de Deus, só tu santíssima! E reconheceu Josefa quando esta se voltou timidamente na direção do ruído. Com que ventura abraçaram-se então, os infelizes que um milagre dos céus havia salvado!

Josefa, em seu caminho para a morte, já estava bem próxima do cadafalso quando de repente todo o cortejo da execução se dispersou com o desabamento estrondoso das construções. Os seus primeiros passos, impelidos pelo horror, fizeram-na rumar ao portão mais próximo; logo, contudo, voltou-lhe a consciência, deu meia-volta e saiu correndo na direção do convento, onde ficara o seu pequeno menino indefeso. Encontrou o convento já todo em chamas, e a abadessa, que nos instantes que para Josefa deveriam ser os últimos lhe jurara cuidar do menininho, gritava, diante dos portais de entrada, que o salvassem. Arremessando-se com destemor por entre a fumaça que lhe fustigava o rosto, Josefa adentrou o edifício que já ruía em cada uma de suas paredes e, como se todos os anjos do céu a protegessem, transpôs de novo o portal com o filho são e salvo. Estava a ponto de abraçar efusivamente a abadessa, a qual mantinha as mãos unidas sobre a cabeça, quando esta, com quase todas as demais freiras, foi esmagada de maneira ignominiosa pela queda de uma cumeeira. Estremecendo, Josefa recuou perante a visão horripilante; fechou sem demora os olhos da abadessa e, tomada de terror, fugiu para salvar da desgraça o precioso menino que os céus lhe haviam restituído.

Mal havia ela dado alguns passos, quando já deparou também com o cadáver destroçado do arcebispo, que tinham acabado de retirar dos escombros da catedral. O palácio do vice-rei afundara, o tribunal em que lhe fora pronunciada a sentença estava em chamas e o local em que se erguia a sua casa paterna fora tomado por um lago fervente, exalando vapores avermelhados. Josefa reuniu todas as suas forças para manter-se em pé. Afastando de seu peito toda aquela miséria, foi caminhando corajosa de rua em rua com a sua conquista nos braços, e já estava próxima do portão quando viu em ruínas a prisão em que suspirara Jerônimo. Cambaleou a essa visão a ponto de desabar sem sentidos a um canto; nesse mesmo instante, porém, o desmoronamento de um edifício atrás de si, que os

abalos já haviam comprometido, sobressaltou-a e a fez voltar a si, revigorada pelo pavor. Beijou a criança, enxugou as lágrimas dos olhos e, sem atentar mais para os horrores que a cercavam, alcançou o portão da cidade. Quando se viu em campo aberto, logo concluiu que nem todos os que estavam em um edifício aluído deviam necessariamente ter sido esmagados sob os escombros.

Na encruzilhada seguinte, deteve-se e aguardou para ver se ainda não apareceria aquele que, depois do pequeno Felipe, era-lhe o ser mais caro nesta Terra. Como ninguém apareceu e crescia o torvelinho humano, continuou o seu caminho; mas voltou-se novamente e aguardou mais uma vez. E, vertendo muitas lágrimas, esgueirou-se para um vale escuro, sombreado de pinheiros, a fim de orar pela sua alma, que julgava haver partido; e então o encontrava aqui, ao amado, neste vale, e encontrava a bem-aventurança, como se fosse o vale do Éden.

Tudo isso ela contava agora, sob forte comoção, a Jerônimo, e passou-lhe então o menino, uma vez que havia terminado a narração, para os seus beijos. — Jerônimo tomou-o nos braços, afagou-o com inefável alegria paterna e cerrou-lhe a boca, já que o menino chorava diante do rosto estranho, com carícias sem fim. Entretanto desceu a mais bela noite, repleta de maravilhosas fragrâncias suaves, com um brilho tão argênteo e tão calma como só um poeta poderia sonhar. Por toda parte, ao longo da água que atravessava o vale, pessoas haviam se assentado sob o luar e preparavam leitos macios de folhas e musgo para descansarem de um dia tão atormentado. E como os miseráveis continuassem a lamuriar-se — este, por ter perdido a casa; aquele, por ter perdido mulher e filho; um terceiro, por ter perdido tudo —, Jerônimo e Josefa se esgueiraram então até uma mata mais densa, para não turvar a ninguém com o secreto regozijo de suas almas. Encontraram uma magnífica romãzeira que estendia amplamente os seus galhos carregados de frutos cheirosos e em cuja fronde o rouxinol entoava sua canção voluptuosa. Naquele lugar, Jerônimo assentou-se ao pé da romãzeira, Josefa acomodou-se em seu colo, Felipe no dela, e assim repousaram cobertos pelo manto do moço. Até que adormecessem, a sombra da árvore, filtrando luzinhas esparsas, estendeu-se sobre eles, e a lua empalideceu novamente antes da aurora. Pois tinham infinitas coisas para tagarelar a respeito do jardim do convento e das prisões, e de tudo aquilo que haviam tido de padecer um pelo outro. E ficavam muito comovidos ao pensar em quanta miséria devera abater-se sobre o mundo para que eles pudessem ser felizes!

Decidiram, tão logo cessassem os tremores de terra, ir até La Concepción,

onde Josefa tinha uma amiga íntima, e de lá, com um pequeno empréstimo que ela esperava obter da amiga, embarcar rumo à Espanha, onde viviam parentes de Jerônimo pelo lado materno, para nesse país chegar ao termo de uma vida feliz. Em seguida, e com muitos beijos, adormeceram.

Quando despertaram o sol já estava alto no céu, e perceberam nas proximidades várias famílias, ocupadas em preparar ao fogo uma pequena refeição matinal. Jerônimo estava justamente pensando em como providenciar alimento para os seus, quando um homem jovem e bem-vestido, com uma criança nos braços, aproximou-se de Josefa e perguntou-lhe modestamente se ela não queria por um breve instante oferecer o seu peito a esse pobre bichinho, cuja mãe jazia ferida um pouco mais adiante, debaixo das árvores. Josefa ficou um tanto confusa quando avistou no jovem um conhecido; uma vez, porém, que este, interpretando erroneamente a sua confusão, prosseguiu dizendo que seria apenas por alguns poucos minutos e que a criança não se alimentava desde aquela hora que trouxera infelicidade a todos, a moça disse: "Calei-me por um outro motivo, don Fernando; nesses momentos terríveis ninguém se recusa a dividir o que possui". E tomou ao colo a pequena criança alheia, enquanto dava o próprio filho ao pai, e colocou-a em seu peito. Don Fernando ficou muito agradecido pela bondade e perguntou se não queriam dirigir-se com ele até aquele grupo, que estava justamente preparando um pequeno desjejum ao fogo. Josefa respondeu que aceitaria com prazer a oferta e, já que também Jerônimo nada tinha a objetar, acompanhou-o até sua família, onde foi acolhida da maneira mais íntima e carinhosa pelas duas cunhadas de don Fernando, que ela conhecia como jovens damas muito distintas.

Dona Elvira, a esposa de don Fernando, estendida ao chão gravemente ferida nos pés, ao ver o seu menino debilitado no peito de Josefa, puxou-a com muito carinho a si. Também don Pedro, o sogro de don Fernando, que estava ferido no ombro, cumprimentou-a com um amável meneio de cabeça.

No peito de Jerônimo e de Josefa agitaram-se insólitos pensamentos. Se eles se viam tratados com tanta intimidade e bondade, então não sabiam mais o que pensar do passado, do cadafalso, da prisão e do sino. Não teriam simplesmente sonhado tudo isso? Era como se os espíritos, desde o formidável golpe que os atravessara estrondeante, estivessem todos reconciliados. Em suas lembranças, não conseguiam de modo algum recuar para além desse golpe. Apenas dona Isabel, que havia sido convidada à casa de uma amiga para o espetáculo da manhã ante-

rior mas não aceitara o convite, repousava por vezes o olhar sonhador sobre Josefa. O relato, porém, que se fazia sobre uma nova desgraça pavorosa arrebatava a sua alma de volta ao presente, do qual nem bem se havia evadido.

Contava-se que logo após os tremores principais a cidade fora inteiramente tomada por mulheres que davam à luz diante dos olhos de todos os homens; contava-se como os monges, de crucifixo na mão, corriam de um lado para o outro e gritavam que o fim do mundo havia chegado; como uma sentinela, que por ordem do vice-rei exigia a evacuação de uma igreja, recebera por resposta que não havia mais nenhum vice-rei do Chile; como nos momentos mais terríveis o vice-rei tivera de mandar erigir forcas para pôr termo às pilhagens; e contava-se de um inocente que, buscando salvar-se pelos fundos de um casa em chamas, fora agarrado pelo proprietário e, na precipitação do momento, imediatamente enforcado.

Dona Elvira, com cujos ferimentos Josefa estava muito ocupada, aproveitou um momento em que as narrativas se cruzavam da maneira mais vívida para perguntar-lhe como atravessara aquele dia terrível. E uma vez que, contando-lhe com o coração opresso alguns lances principais de tal dia, viu brotarem lágrimas nos olhos dessa dama, Josefa foi invadida por intenso prazer; dona Elvira agarrou-lhe a mão, apertou-a e fez-lhe um gesto para que se calasse. Josefa presumiu encontrar-se entre os bem-aventurados. Um sentimento que não podia reprimir chamou ao dia recém-transcorrido, por mais misérias que houvesse trazido ao mundo, uma dádiva como o céu ainda não fizera descer outra igual. E, de fato, em meio àqueles momentos pavorosos nos quais sucumbiam todos os bens terrenos dos homens e até mesmo a Natureza ameaçava derruir-se, o próprio espírito humano parecia desabrochar como uma bela flor. Nos campos, por toda a extensão abarcada pelo olhar, avistavam-se pessoas de todas as classes confundidas entre si, príncipes e mendigos, matronas e camponesas, funcionários do Estado e jornaleiros, monges e monjas: compadecendo-se uns dos outros, prestando-se ajuda mútua, compartilhando alegremente com os demais tudo aquilo que puderam salvar para a própria subsistência, como se a desgraça geral tivesse convertido tudo o que lhe escapara em uma *única* família.

Em lugar das conversas inexpressivas às quais o mundo das mesinhas de chá costuma fornecer o assunto, contavam-se agora exemplos de feitos descomunais: pessoas até então bem pouco consideradas na sociedade haviam mostrado grandeza romana; exemplos aos montes de destemor, de alegre desprezo pelo perigo, de abnegação e de divina prontidão para o sacrifício, de renúncia incontinente à vida, como se esta, à semelhança de um bem desprezível, pudesse ser reencontrada já ao próximo passo. Uma vez que não havia pessoa alguma a quem não houvesse acontecido algo de comovente naquele dia, ou que não tivesse realizado ela própria algo de magnânimo, assim a dor estava misturada em cada peito humano com prazer tão doce que não se podia dizer — como achava Josefa — se a soma do bem-estar coletivo não crescera por um lado na mesma proporção em que se reduzira pelo outro.

Depois de terem-se ambos consumido silenciosamente em tais considerações, Jerônimo tomou Josefa pelo braço e com inefável alegria passou a conduzi-la para cima e para baixo sob os umbrosos caramanchões do bosque de romãzeiras. Disse-lhe que, em face dessa disposição dos espíritos e da reviravolta nas relações sociais, abandonava a sua decisão de partir para a Europa; que procuraria o vice-rei, o qual sempre se mostrara favorável a sua causa e, caso ainda estivesse vivo, ousaria cair de joelhos diante dele; disse ainda, enquanto lhe dava um beijo, que tinha esperança de permanecer com ela no Chile. Josefa respondeu que pensamentos semelhantes se haviam levantado em seu íntimo; que não mais duvidava da possibilidade de uma reconciliação com seu pai, caso ele ainda estivesse vivo; mas que, em vez de pôr-se de joelhos, ela aconselhava antes a ir até La Concepción e de lá tratar por escrito com o vice-rei do assunto da reconciliação — naquela cidade estariam, para qualquer eventualidade, nas proximidades do porto e, no melhor dos casos, se o assunto tomasse o rumo almejado, poderiam retornar facilmente a Santiago. Após uma breve reflexão, Jerônimo enalteceu a prudência dessa medida, conduziu-a por mais alguns instantes pelos arredores, ao mesmo tempo que se deixava transportar aos momentos felizes do porvir, e retornou com ela ao grupo.

Entretanto chegara a tarde, e nem bem os espíritos dos refugiados que perambulavam pela região se tranqüilizaram um pouco, uma vez que os tremores de terra tinham cessado, quando já se propagou a notícia de que na igreja dos dominicanos, a única que o terremoto poupara, uma missa solene iria ser celebrada pelo próprio prelado do convento, para implorar aos céus a prevenção de novas desgraças.

O povo já irrompia de todos os cantos e apressava-se torrencialmente rumo à cidade. As pessoas em torno de don Fernando perguntaram entre si se também não deveriam participar dessa solenidade e aderir à marcha coletiva. Dona Isabel

lembrou a todos, com certa angústia, a grande calamidade ocorrida na igreja no dia anterior; lembrou que tais solenidades de ação de graças certamente se repetiriam e que então poderiam entregar-se à comoção com tanto mais alegria e serenidade, pois o perigo já estaria mais distante. Josefa declarou, levantando-se incontinente com certo entusiasmo, que o ímpeto de prostrar-se ao chão diante do Criador jamais se manifestara em seu íntimo com tanta força como naquele momento exato em que Ele desdobrava o seu poder incompreensível e sublime. Dona Elvira manifestou vivamente o seu apoio às palavras de Josefa. Insistiu que deveriam participar da missa e conclamou don Fernando a conduzir o grupo, de modo que todos, inclusive dona Isabel, puseram-se em pé. Uma vez, porém, que esta última executava de modo vacilante, com respiração sôfrega, os pequenos preparativos para a partida e, interrogada sobre o que estava sentindo, respondera não saber de onde vinha o pressentimento funesto em seu peito, dona Elvira tranqüilizou-a e solicitou-lhe então que permanecesse ao lado dela e de seu pai doente. Josefa disse: "nesse caso, dona Isabel, a senhora irá certamente tomar de mim esse amorzinho que, como a senhora vê, aninhou-se de novo em meu colo". "Com prazer", respondeu dona Isabel, e preparou-se para pegá-lo. Mas, como o menino gritasse acerbamente por causa da injustiça de que era vítima e não a aceitasse de modo algum, então dona Josefa disse sorrindo que o manteria no colo e acalmou-o novamente com beijos. Na seqüência, don Fernando, que ficara encantado com a dignidade e a graça do seu comportamento, ofereceu-lhe o braço; Jerônimo, que trazia consigo o pequeno Felipe, encarregou-se de dona Constança; atrás vinham as demais pessoas que haviam se juntado ao grupo. E nessa ordem o cortejo seguiu para a cidade.

Nem bem haviam dado cinqüenta passos quando ouviram dona Isabel, a qual tivera uma conversa excitada e confidencial com dona Elvira, gritar pelo nome de don Fernando, apressando-se ao encontro do cortejo com passadas agitadas. Don Fernando deteve-se e deu meia-volta; esperou por ela sem soltar o braço de Josefa; e, uma vez que dona Isabel se detivera a uma certa distância, como esperando que ele viesse ao seu encontro, perguntou-lhe aquele o que queria. Nisso, dona Isabel, embora aparentemente a contragosto, aproximou-se dele e sussurrou-lhe algumas palavras ao ouvido, mas de maneira que Josefa não pudesse ouvi-las. "E daí?", perguntou don Fernando, "que desgraça poderia resultar disso?" Dona Isabel, com a fisionomia transtornada, continuou a cochichar em seu ouvido. Um rubor de contrariedade subiu ao rosto de don Fernando e ele respondeu que estava bem, que dona Elvira podia tranqüilizar-se; e continuou a conduzir a sua dama.

Quando chegaram à igreja dos dominicanos, já se ouvia o órgão em sua magnificência musical, e uma multidão incomensurável ondeava em seu interior. A aglomeração estendia-se por todos os lados, ultrapassando os portais no adro da igreja, e pelas paredes, nas molduras dos quadros, dependuravam-se meninos que seguravam os barretes nas mãos, o olhar cheio de expectativa. Descia um resplendor de todos os lustres; com o irromper do crepúsculo as pilastras lançavam sombras misteriosas, a grande rosácea trabalhada em vitrais coloridos ardia, nos fundos da igreja, como o próprio sol da tarde que a iluminava; e já que o órgão agora se calava, imperava o silêncio em toda a assembléia, como se ninguém tivesse um só rumor em seu peito. De catedral cristã alguma jamais se alçara aos céus uma tal flama de devoção como naquele dia da catedral dominicana de Santiago, e nenhum peito humano participava com chama mais ardente do que o peito de Jerônimo e Josefa!

A solenidade começou com o sermão que um dos cônegos mais idosos, pomposamente paramentado, proferia do alto do púlpito. Elevando aos céus suas mãos trêmulas, envoltas pelas amplas mangas da alva, começou de imediato com louvor, exaltação e agradecimento, porque ainda existiam pessoas nessa parte do mundo, que se desfazia em ruínas, capazes de balbuciar suas preces a Deus. Descreveu o que havia acontecido a um gesto do Todo-Poderoso; o Juízo Final não poderia ser mais terrível. E quando, não obstante essas palavras, chamou o terremoto do dia anterior, apontando para uma rachadura sofrida pela catedral, de mero anúncio preliminar, um arrepio alastrou-se por toda a assembléia. Em seguida, no fluxo da eloqüência sacerdotal, enveredou pela depravação dos costumes na cidade; castigou-a pelos horrores que nem Sodoma e Gomorra tinham visto, e atribuiu tão-somente à infinita magnanimidade de Deus o fato de Santiago não ter desaparecido inteiramente da superfície da Terra.

Mas o coração dos nossos dois infelizes, já inteiramente dilacerado pelo sermão, contraiu-se como que trespassado por um punhal quando o cônego aproveitou a oportunidade para mencionar em detalhes o sacrilégio cometido no jardim do convento das carmelitas; chamou de ímpia a complacência que tal sacrilégio encontrara em todo mundo e, numa guinada repleta de maldições, entregou a alma dos criminosos, explicitamente nomeados, a todos os príncipes do Inferno! Dona Constança exclamou, contraindo-se nos braços de Jerônimo: "don Fernando!".

Mas este respondeu de maneira tão enfática e ao mesmo tempo tão confidencial quanto possível: "A senhora se cale, não movimente sequer os olhos e faça como se desmaiasse, para que possamos deixar a igreja". Mas, antes que dona Constança pudesse executar essa medida sensata, concebida para a salvação de todos, já troava uma voz interrompendo o sermão do cônego: "Afastai-vos, cidadãos de Santiago, aqui estão esses seres ímpios!". E quando uma outra voz perguntou aterrorizada, enquanto se abria em torno deles um amplo círculo do horror, "onde?", um terceiro atalhou "aqui!" e, repleto de sagrada perfídia, puxou Josefa pelos cabelos, de modo que ela, cambaleando com o filho de don Fernando nos braços, teria ido ao chão se este não a tivesse amparado. "Estais loucos?", exclamou o jovem, e cingiu Josefa pelo ombro: "sou don Fernando Ormez, filho do comandante da cidade, que todos vós conheceis." "Don Fernando Ormez?", bradou, logo à sua frente, um sapateiro que havia trabalhado para Josefa e que a conhecia pelo menos tão bem quanto a seus pezinhos. "Quem é o pai desta criança?", voltou-se ele com insolente obstinação à filha de don Asteron. Don Fernando empalideceu a essa pergunta. Ora fitava Jerônimo timidamente, ora relanceava o olhar por sobre a assembléia, para ver se não havia ali alguém que o conhecesse. Premida pelas circunstâncias horrorosas, Josefa exclamou: "Este não é o meu filho, mestre Pedrillo, como julgais"; e continuou, enquanto olhava para don Fernando com infinita angústia na alma: "este jovem é don Fernando Ormez, filho do comandante da cidade, que todos vós conheceis!". O sapateiro perguntou: "Quem de vós, cidadãos, conhece este jovem?". E vários dos circunstantes repetiram: "Quem conhece Jerônimo Rugera? Que se apresente!". Aconteceu então que neste mesmo instante o pequeno João, assustado com o tumulto, quis passar do peito de Josefa para os braços do pai. Nisso, gritou uma voz: "É ele o pai!"; e uma outra: "é ele Jerônimo Rugera!"; e uma terceira: "são eles os blasfemos!"; e toda a cristandade reunida no templo de Jesus: "Apedrejai-os! Apedrejai-os!". A isso tudo revidou então Jerônimo: "Parai, seres desumanos! Se procurais Jerônimo Regera, aqui está ele! Libertai aquele homem, que é inocente!"

Confundida pela declaração de Jerônimo, a turba furibunda se deteve; várias mãos soltaram don Fernando; e como naquele exato momento chegava apressado um oficial da marinha de alta patente, perguntando enquanto abria caminho pelo tumulto: "don Fernando Ormez!, o que vos aconteceu?", respondeu então este, já inteiramente liberto e com lucidez verdadeiramente heróica: "vede, don Alonzo, os assassinos! Eu estaria perdido se este homem digno não se tivesse feito passar por Jerônimo Rugera, para acalmar a multidão enfurecida. Tende a bondade de prendê-lo, ao lado desta jovem dama, para a segurança de ambos; e também a esse homem desprezível", continuou, ao mesmo tempo que agarrava mestre Pedrillo, "que deflagrou todo esse tumulto!". O sapateiro bradou: "don Alonso Onoreja, eu vos pergunto, pela vossa consciência, se essa moça não é Josefa Asteron". Uma vez que don Alonso, que conhecia Josefa muito bem, vacilasse com a resposta e várias vozes, atiçadas novamente à cólera, se pusessem a gritar: "é ela, é ela!" e "matai-a!", então Josefa colocou o pequeno Felipe, que Jerônimo havia carregado até então, nos braços de don Fernando, junto com o pequeno João, e disse: "Ide, don Fernando, salvai vossos dois filhos e abandonai-nos ao nosso destino!".

Don Fernando tomou ambas as crianças e disse que preferia morrer a permitir que acontecesse algum mal aos seus. Após ter solicitado a espada ao oficial da marinha, ofereceu o braço a Josefa e exortou o casal atrás de si a segui-lo. E de fato, à medida que as pessoas, em face dessa atitude, abriam caminho com suficiente respeito, eles saíram da igreja e já se julgavam salvos. Contudo, mal chegaram ao átrio, igualmente repleto de pessoas, quando bradou uma voz em meio à turba enlouquecida que os tinha seguido: "esse é Jerônimo Rugera, cidadãos, pois eu sou o seu próprio pai!", e com uma cajadada descomunal prostrou ao chão o jovem que estava ao lado de dona Constança. "Jesus! Maria!", exclamou esta, e fugiu na direção do cunhado. Mas do outro lado já ressoava o grito "meretriz de convento!", acompanhando uma segunda cajadada, que a derrubava sem vida ao lado de Jerônimo. "Monstros!", bradou um desconhecido, "esta era dona Constança Xares!" "Por que eles mentiram para nós?", respondeu o sapateiro, "procurai a pessoa certa e assassinai-a!" Don Fernando ardeu em ira quando viu o cadáver de dona Constança; puxou a espada, brandiu-a e descarregou-a sobre o assassino fanático que deflagrara aqueles horrores, de tal modo que o teria partido ao meio se este não tivesse se subtraído ao enfurecido golpe com uma virada de corpo. Mas, como don Fernando não conseguia subjugar a multidão que o acossava, exclamou então Josefa: "adeus, don Fernando! Sede feliz com as crianças!". E continuou: "aqui me tendes, feras sedentas de sangue, assassinai-me!", lançando-se voluntariamente no meio deles, para pôr termo à luta. Mestre Pedrillo derrubou-a com o cajado. E exclamou na seqüência, inteiramente salpicado com o sangue de Josefa: "mandai agora o bastardo atrás dela para o Inferno", e investiu mais uma vez, com a volúpia sanguinária ainda não aplacada.

Don Fernando, esse herói divino, ficou então postado com as costas apoiadas na parede da igreja; na mão esquerda segurava as crianças e na direita, a espada. A cada golpe fulminava ele um agressor, mandando-o ao chão; um leão não se defende de melhor maneira. Já sete cães sanguinários jaziam ao chão, o próprio príncipe da horda satânica estava ferido. Mas mestre Pedrillo não descansou antes de haver-lhe arrancado do peito uma das crianças, puxando-a pelas pernas, e de tê-la esmagado, após rodopiá-la no ar, contra o canto de uma pilastra da igreja. Fez-se então silêncio e todos se afastaram. Don Fernando, quando viu caído diante de si o seu pequeno João, com os miolos vertendo do cérebro, levantou os olhos para o céu, tomado por dor inominável.

O oficial da marinha apresentou-se novamente a ele, procurou consolá-lo e manifestou-se arrependido de sua inação durante toda a desgraça, embora justificada por várias circunstâncias. Don Fernando disse, porém, que não havia o que censurar-lhe e pediu apenas que o ajudasse agora a transportar os cadáveres. Estes foram levados, na escuridão da noite que caía, à residência de don Alonso, para onde don Fernando os seguiu, chorando muito sobre o rosto do pequeno Felipe. Também passou a noite na casa de don Alonso e tardou muito, valendo-se de falsas alegações, para comunicar à sua esposa toda a extensão da desgraça; ora porque ela estava doente, ora porque ele não sabia como a esposa julgaria o seu procedimento durante aqueles eventos. Mas, pouco tempo depois, casualmente informada por uma visita de tudo o que sucedera, essa dama excelente chorou em silêncio toda a sua dor maternal e numa manhã, com uma última lágrima resplandecendo nos olhos, veio abraçar e beijar o marido. Em seguida, don Fernando e dona Elvira tomaram o pequeno órfão como filho adotivo; e toda vez que don Fernando comparava Felipe com João, e refletia sobre como adquirira um e outro, então quase se sentia no dever de alegrar-se.

NOTA DO TRADUTOR

A presente tradução segue o texto estabelecido por Helmut Sembdner em sua edição crítica das obras completas de Kleist (Deutscher Taschenbuch Verlag, Munique, 9ª edição revisada, 2001). Sob o título *Jerônimo e Josefa*, esta novela foi publicada originalmente entre 10 e 15 de setembro de 1807 na prestigiosa revista literária *Morgenblatt für gebildete Stände* [*Folha matutina para as classes cultas*]. A primeira edição em livro ocorreu três anos depois, já com o novo título e também sem a divisão em parágrafos — portanto, num único bloco narrativo, o que acentuava ainda mais o caráter compacto e arrebatador da novela. A tradução procurou preservar, na medida do possível, a pontuação pouco convencional, a repetição de palavras ou expressões (por exemplo, o freqüente "como se"), figuras de linguagem (como a construção anafórica, calcada no advérbio "aqui", na descrição da fuga de Jerônimo pela cidade em desmoronamento), ou ainda o emprego disseminado da conjunção temporal "quando" (*als*), traço estilístico dos mais relevantes na novela, uma vez que indicia, na concreção lingüística do texto, uma concepção de mundo marcada pela irrupção brusca do inesperado e do radicalmente diverso. Contrastando com esse sucessivo recurso à conjunção "quando", que ajuda a imprimir à narrativa o seu movimento vertiginoso, a frase de fecho vale-se de uma conjunção temporal (*wenn*) que em português também se traduz por "quando", mas que possui em alemão o sentido do repetitivo (e "serenado", no contexto da novela), do "sempre que" ou ainda, como figura nesta tradução, "toda vez que".

Tradução de Marcus Vinicius Mazzari